EXPEDIENTE.

Agradecemos a mui delicada carta que a Senhora, que tão dignamente prezide a Associação Consoladora dos Afflictos, se dignou escrever-nos como manifestação dos sentimentos de tão illustre Associação para com o que a seu respeito tivemos a honra de escrever.

A abundancia de varias materias que temos a tractar, e o prometimento que tencionamos cumprir de escrever um artigo sôbre expostos, são os motivos que nos obrigam a deixar de publicar a traducção do Sr. Nogueira, que está em o nosso escriptorio á disposição do referido Sr.

Entre os artigos, que retiramos deste número para terminar a publicação da lista dos *quadros* que estam na Bemposta, se inclue o que escrevemos ácerca do Filho do Diabo, o qual será publicado em o n.° seguinte, ficando assim justificada a causa porque tão tarde a Revista fallará desse drama.

Publicações recebidas. — *Jornal das Sciencias Medicas de Lisboa*, mez de março.

Revista Popular, n.° 9.

Gazeta Medica do Porto, n.° 151.

Jornal da Sociedade Catholica, n.° 6.

A Lyra, jornal de poesia, publicado no Porto, n.° 3.

CONHECIMENTOS UTEIS.

CUMPRIMENTO DAS SENTENÇAS CRIMES.

374 O Diario do Governo n.° 95 de 22 do mez findo, publicou um Real Decreto pelo qual S. M., comprazendo-se, em conformidade da antiga pratica seguida nestes Reinos, de usar da sua clemencia, para com os presos que por exactas informações, a que mandou proceder, se mostraram dignos de commiseração, ou pelo tempo de prisão soffrida, ou por outras ponderosas rasões, que os recommendam á sua piedade, e mais que tudo em memoria da Sacratissima Morte e Paixão de Nosso Senhor Jesu Christo solemnisada pela Egreja no dia de Sexta Feira Maior, houve por bem, exercendo o poder moderador, segundo a Carta Constitucional da Monarchia, depois de ter ouvido o Conselho de Estado, perdoar ou commutar, conforme a diversidade de circunstancias, as penas impostas aos réos, comprehendidas na relação que faz parte do referido decreto.

A relação, a que este decreto se refere, é um documento da mais alta importancia.

Em quanto o Ministro da Egreja desenrolava aos olhos do povo o sudario que era como a recordação do que havia padecido o Redemptor, um outro sudario se apresentava nas columnas da folha official, em que o preso, o homem mais infeliz da sociedade, vinha representado como victima da irregularidade, com que se cumpre a justiça.

Folgamos com o apparecimento deste documento, por que é impossivel que os abusos, que revela, não fisessem forte impressão nos Conselheiros de Estado, que sobre elle foram ouvidos; no Ministerio, que, por meio de um seu membro, o referendou; nos representantes da nação, a quem foi destribuido; em todos para quem os soffrimentos acerbos do proximo não são um acontecimento sem valia.

A esperança de ver melhorar a sorte do infeliz preso despontou em o nosso coração, lembrando-nos que na vespera do dia, em que o decreto foi assignado, tinhamos encontrado o Ministro da Justiça dentro da Cadêa do Limoeiro.

Uma visita feita a esse estabelecimento, além de provar a monstruosa organisação a que está sujeito, mostra como a demora dos processos é o primeiro periodo da vida que se acaba de preverter, com a tardança do cumprimento de uma sentença esperada por muito tempo com a mais desesperada anciedade.

Pomos hoje de parte a demora do andamento dos processos, em que já fallámos por outras occasiões, e passemos a expor simplesmente o que acerca do cumprimento das sentenças se admira, com pasmo, na dita relação.

São quatro os condemnados na pena capital, que foram perdoados; Antonio de Almeida, o Gato, crime de homicidio, condemnado por sentença de 28 de Novembro de 1845!

Claudino José de Carvalho, crime de ferimento e assassinio, condemnado por sentença de 1 de Julho de 1846!

José Affonso, crime de homicidio, condemnado por sentença de 23 de Janeiro de 1846!

José Antonio, o Caseiro, crime de homicidio e roubo, condemnado por sentença de 3 de Abril de 1846!

A todos foi commutada a sentença em degredo perpetuo para os presidios da Costa d'Africa.

As reflexões, que estes quatro factos suscitam, são tristes, e se não revelam um abuso como outras que ao diante faremos, são dignas de attenção, porque tendem a tornar o perdão mais proficuo e humano.

Deixaremos intacta a lugubre questão da pena capital, que a França não teve força para resolver completamente depois de uma revolução geral, que, no curto espaço de tres dias, resolveu muitas outras, que parecem de maior vulto, mas que não são tão complexas.

Assentemos só um ponto, que não póde ser contestado.

Quando á demora do processo, se junta a demora da execução da sentença, a applicação da pena transforma-se em um assassinio que perde o mais remoto caracter de punição.

A delonga no perdão ou no castigo é uma coisa fatal. Ao cabo da espera nem sempre está a vida.

Esse espaço de um e dois annos, que na Relação medêa entre a sentença e o perdão, esse espaço de mais annos já decorridos desde a sentença, para muitos infelises que jazem por essas miseraveis cadeias do reino, são um supplicio que só presenciado se comprehende.

Desde o momento em que a sentença lhe é intimada, o condemnado viu levantar-se ante si a forca, que para nunca mais se lhe tirou da imaginação. O tempo que apaga as saudades mais ternas gravadas sobre o tumulo, não enfraquece a idéa do suplicio, que se fixou no rosto como uma imagem da morte. Esta asserção assenta sobre o que temos examinado em varias vizitas feitas ás cadêas.

No Porto, por exemplo, vimos os condemnados á morte misturados com os outros prezos. Infelizmente não eram poucos a ultima vez que entrámos nas suas prisões. Mal que chegavamos ao fim das escadas, que conduzem ao fundo das enxovias, podiamos contar os que estavam esperando pela hora tremenda da execução, não

só pelos signaes de uma dôr intima e continuada, mas tambem pelo receio, que descia áquelles corações quando as correntes dos alçapões que nos abriam a communicação para a escada, involviam no seu som cavo a duvida que consistia em saber se o homem que ía descer, era ou não um mensageiro da morte!

Na cadêa desta cidade onde ainda ha pouco estivemos com os dois unicos condemnados á morte, que ahi existem, e que estão na chamada casa forte guardados por quatro presos, tambem vimos dois rostos irmãos pelo sangue e pelo crime (*) cobertos por esse veo amarellado, que a morte corre tantas vezes sobre os que do leito estão para cahir na sepultura.

A expressão desses infelizes, estejam juntos com os outros presos ou separados, é a de um choro sem lagrimas, ou de uma dôr aguda que se soffre sem gemer. Os signaes do desespero adivinham-se naquellas physionomias em que os musculos se contrahem pelo medo e algumas vezes pelo remorso. Os dias são annos dessa eternidade de penas em que a saude lhes transforma a vida. Se a sociedade perdoa, se as circumstancias a levam a praticar este acto de clemencia, convem, que seja antes de por muito tempo ter padecido esses tormentos.

Atrevemo-nos a lembrar na prezença destas considerações, que a commutação da pena ultima, mal póde esperar por essas occasiões solemnes em que o perdão desce do alto do throno. Em taes occasiões, não faltam outras penas para commutar: e ácerca de algumas já o Poder exerce tão salutar effeito, que é impossivel deixar de abençoar a prerogativa, que tão bem se emprega, como prova o seguinte extracto da citada Relação.

Antonio José Pereira, crime de furto com arrombamento, condemnado em dois annos de degredo para Cabo Verde, por sentença proferida em agosto de 1845. Perdoado.

Donde se prova, que este réo esteve privado da liberdade sem que para tal houvesse direito, quazi um anno mais do que se a sua sentença fôra cumprida, e que não sendo o perdão, poderia ainda assim estar muito mais tempo como outros dos incluidos na Relação e dos quaes vamos fallar.

Francisco Fernandes Farrampa, crime de roubo, condemnado em cinco annos de degredo para Angola por sentença de 12 de outubro de 1839. Perdoado.

Se a sentença fosse cumprida como devia ser, ha mais de 3 annos que estaria em liberdade! — Se não fosse o perdão quantos annos mais teria de jazer na cadêa, contra todos os principios de direito natural!!

João Guerra, crime de furto, perdoado, tendo estado prezo mais um anno do que dois que tinha de degredo!

José Furtado, crime de furto, condemnado em 2 annos de degredo, que se o houvera cumprido findava em fevereiro de 1847. Perdoado.

Theodozio Joaquim, crime de roubo, condemnado em 5 annos e meio de trabalhos publicos em outubro de 1840. Perdoado.

Nos principios de 1846, terminava o cumprimento da sua sentença.

E para não citarmos mais factos dessa Relação, remattaremos com um, que mais do que todos, se torna notavel.

(*) São os irmãos, que commetterão um assassinio e roubo na Fonte da Pipa.

José Coelho, crime de furto, condemnado em seis mezes de trabalhos publicos por sentença de outubro de 1845!! Perdoado. Ha dous annos e meio que indevidamente este homem estava privado da liberdade.

Eis aqui um sudario que se póde appresentar ao paiz bradando lhe bem alto que se arrependa do tempo que tem desbaratado nas estereis discordias civis: que tracte de rasgar esta e muitas outras paginas, que estão envergonhando a nossa historia.

A missão do jornalista, que milita fóra das bandeiras politicas, é dolorosa em um paiz quasi agonisante, porque a sua voz se deve erguer acima das paixões e dos preconceitos para apontar para as feridas que dilaceram o coração da patria. Deve levar essa cruz ao Calvario, embora a redempção da intelligencia se não siga ao sacrificio.

Assim entendemos os deveres da cruzada civilisadora, emprehendida pelos jornaes, que não são politicos, e a qual desejavamos vêr augmentar todos os dias com mui esforçados campeões, já que só bons desejos podemos levar a um combate, em que se exigem os talentos e a experiencia que não possuimos.

Confiamos nos sentimentos justos e generosos de que é dotado o homem, para contarmos com o effeito que deve ter causado em todos a publicação do documento a que nos referimos.

RELAÇÃO DOS QUADROS PERTENCENTES Á HERANÇA DA IMPERATRIZ RAINHA A SENHORA D. CARLOTA JOAQUINA DE BOURBON, HOJE EXISTENTES NO REAL PALACIO DA REMPOSTA, QUE FORAM DESCRIPTOS E AVALIADOS PELOS SRS. ANTONIO MANOEL DA FONSECA, LENTE DE PINTURA HISTORICA DA ACADEMIA DAS BELLAS ARTES DE LISBOA, E LUIZ TIRINNANZI, PINTOR RESTAURADOR DE QUADROS. *

375	Transporte. . .	4:402$200
101	Sete estampas, representando o Estudo Hespanhol, outra Historia Sacra, e cinco paizagens.	16$800
102	Doze ditas, com molduras pretas e vidros, representando paizagens .	2$880
103	Um quadro pequeno, em taboa, representando o Jantar dos Macacos, cópia de David Téniers	1$600
104	Tres quadros com o mesmo numero, em panno, representando paizes, eschóla flamenga, largura um palmo e um quarto, altura dois terços, moldura doirada	4$800
105	Um dito em cobre, representando paizagem, eschóla de Paulo Brili, largura um palmo, altura tres quartos, moldura doirada. . . .	1$600
106	Tres ditos do restaurador que estragou os quadros do palacio, o hespanhol D. Felix Terres, de paizagem, valor só das molduras . .	2$400
	Rs. . .	4.433$380

* Vem do n.º 20.

Transporte. . . 4:433$380

107 Um dito pintado em cobre, representando uma Marinha, auctor incognito, moldura com circulo redondo de meio palmo, moldura doirada . 2$400

108 Um dito, representando paizagem, largura um palmo e um quarto, altura meio palmo . . . . . 1$600

109 Cinco estampas com o mesmo numero, representando paizagem, Marinha e Desenho . . . . . 5$000

110 Um quadro pintado em taboa, representando Nossa Senhora e o Menino, sentado em uma cadeira antiga com S. Miguel de uma parte, e S. José da outra, e uma pequena Gloria na parte superior do quadro muito damnificado, mas sublime fragmento de Rafael Urbino, sem valor. (Acha-se no real palacio do Ramalhão) . . $

111 Um quadro em panno, representando S. Jeronimo no Deserto, por M. Valentin, largura sete palmos, altura cinco, moldura doirada . . . . 48$000

112 Um dito, dito, representando Desposorio de Santa Catharina, eschóla romana, largura sete palmos, altura seis e um quarto, moldura doirada . . . . . 24$000

113 Um dito, dito, representando Natividade de Nossa Senhora, cópia de um quadro de eschóla romana, larra oito palmos e meio, altura nove palmos, moldura doirada . . . 28$800

114 Um dito, dito, representando paizagem mui mediocre, largura nove palmos altura oito e tres quartos, moldura doirada . . . . . 19$200

115 Dois ditos, dito, representando paizagens e figuras, auctor mediocre, largura seis palmos e tres quartos, altura cinco, moldura doirada . . 9$600

116 Um dito, dito, representando Nossa Senhora com o Menino Jesus, cópia da eschóla romana, largura quatro palmos e meio, altura seis, moldura doirada . . . . . 4$800

117 Um dito, dito, em taboa em circulo, representando a adoração dos Pastores, primeira maneira de Rafael, diametro tres palmos e meio moldura doirada . . . . . 120$000

118 Um quadro em panno, de meia figura collossal, representando o Apollo, original de Dominiquino, largura dois palmos e meio, altura quatro, moldura doirada. . . . . 72$000

119 Um dito, dito, representando Abrahão offerecendo a Cêa a tres Anjos, por Hugo da Carpi, eschóla ferrareza, largura tres palmos e meio, moldura doirada . . . . . 57$600

120 Um dito, dito, representando Marinhas cópia de Vernet, largura cinco palmo e um terços, altura dois palmos, moldura doirada . . . . 9$600

Rs. . . 5:575$080

Transporte. . . 5:575$080

121 Um dito, dito, representando o Camponez gritando, cópia de Caravagio, largura dois palmos, altura dois e dois terços, com moldura doirada . 4$800

122 Um dito, dito, representando um Bacho, eschóla de Nicolau de Poussin, largura tres palmos e tres quartos, altura quatro palmos e tres quartos, molduras doiradas. . . . . 38$400

123 Um dito, dito, representando duas Cabeças de Apostolos, cópia de Guercino, largura dois palmos e meio, altura dois palmos, moldura doirada . . . . . 2$000

124 Um dito, dito, representando um Velho e uma Velha, em acto de lacrar uma carta, eschóla flamenga, largura tres palmos e um quarto, altura quatro e um terço, moldura doirada . . . . . 31$200

125 Um quadro em panno, de meia figura, largura dois palmos, altura tres, moldura doirada . . . . 1$200

126 Um dito, dito, representando Santo André, meia figura, uma má cópia, largura dois palmos, altura tres, moldura doirada . . . . . 1$200

127 Um dito, dito, representando Nossa Senhora com o Menino Jesus dormindo, cópia de Sasso Ferrato, largura palmo e meio, moldura doirada . . . . . 19$200

128 Um dito, dito, em taboa, representando Jesu Christo no Sepulchro, estando os tres Apostolos em acção de ajudal-o a metter no Sepulchro, avistando-se da parte de traz em massa escura uns Anjos, figura inteira, original tocado com muita franqueza, mas muito mal restaurado, eschóla veneziana, largura sete palmos e um oitavo, altura tres e um terço, sem moldura . . . . . 80$000

129 Um dito, dito, representando Jesu Christo em braços do Padre Eterno, simbolisando a Trindade Santissima, por Ribeira, largura seis palmos, altura nove e dois terços. . . . 4$800

130 Um dito, dito, representando Nosso Senhor Jesu Christo crucificado, cópia muito má de Guido, largura seis palmos, sem moldura . . . 14$400

131 Um dito, dito, em cobre, representando o Calvario, por um discipulo de Rubens, largura tres palmos, altura dois e um quarto, moldura doirada . . . . . 24$000

132 Um dito, dito, representando um convento, e a tentação de um Ermita,

Rs. . . 5;795$880

Transporte. . . 5:795$880

eschóla flamenga, largura palmo e meio, altura meio palmo, moldura doirada . . . . . 3$200

133 Dois ditos, dito, em taboa, em figura gothica, representando a Adoração dos Reis Magos, por Luca de Leida, e outro dito, representando a Adoração dos Anjos ao Menino Jesus, e a fuga do Egypto, pelo mesmo auctor, largura dois palmos e um terço, altura quatro palmos, moldura doirada, este ultimo bastantemente retocado . . . . . 400$000

134 Um dito, dito, em taboa, representando paizagem, cópia de David Teniers, largura dois palmos, altura palmo e meio, moldura doirada . . . . . 10$000

135 Um dito, dito, em cobre representando a Creação do Mundo, Adão e Eva, original de Brugel, aveludado, largura palmo e um quarto, altura tres quartos, moldura doirada . . . . . 57$600

136 Um retrato em mosaico d'aquelle tempo, do Pontifice Pio VI, de fórma oval com quatro medalhas redondas pequenas nos angulos, vistas de Roma, com seus caixilhos de bronze doirados. . . . . 240$000

137 Uma figura de marmore de esculptura em vulto com sua caixa de madeira; representando a Magdalena no Deserto, original de Besuino, de dois palmos e tres quartos de largura, e tres e um quarto de altura . . . . . 400$000

138 Um quadro pintado em cobre representando a Cabeça de S. João Baptista, appresentada pela mulher de Herodes, por Rubens, cópia, largura quatro palmos, altura tres e um oitavo, moldura doirada . . 30$000

139 Um dito, dito, em panno, representando Nossa Senhora da Conceição, o Padre Eterno e Anjos, por Conca; o quadro grande do mesmo auctor existe em Mafra, largura dois palmos, altura tres palmos e meio, moldura doirada . . . . . 50$000

140 Um dito, dito, em cartão, representando a Sacra Familia, por Parmiggianino, largura um palmo e tres quartos, altura um e um terço, moldura doirada, muito retocado . . 60$000

141 Um dito, dito, em panno, representando Nosso Senhor Jesu Christo no Horto, cópia de Corregio, largura um palmo e um quarto, altura um palmo, moldura doirada. . . . 4$800

142 Uma dito, dito; em cartão, com moldura de bronze doirado e vidro,

Rs. . . 7:046$480

Transporte. . . 7:046$480

representando S. Carlos Borromeu e S. Felippe, lendo o Officio Divino, largura um palmo, altura tres quartos . . . . . 19$200

143 Um dito, dito, em panno com moldura e vidro, meia figura, representando Nossa Senhora, fazendo oração, cópia, largura um palmo altura meio. . . . . 1$600

144 Um quadro em panno, representando Nossa Senhora e o Menino Jesus em pé, com moldura doirada e vidro; cópia de Carlos Marati, feita por Trono, largura palmo e meio, altura dois . . . . . 4$800

145 Um dito, dito, representande a Appresentação do Templo, parece esboceto de Murillo, porém todo repintado, largura palmo e um terço, altura dois e tres quartos, moldura e vidro . . . . . 4$800

146 Um dito, dito, em cobre, representando Nossa Senhora e o Menino apparecendo aos Santos Martyres, original, eschóla flamenga, largura um palmo e um quarto, altura dois e um quarto, moldura doirada . . . . . 9$600

147 Um dito em panno, representando o retrato do Emminentissimo Cardeal Patriarcha, Patricio I, largura um palmo o um terço, altura um e dois terços, moldura de páu $480

148 Um dito, dito, representando Nossa Senhora, com moldura de madre perola feita em Jerusalem, largura um palmo, altura um e dois terços. 2$400

149 Um dito, dito, em panno representando a Veronica do Senhor, má cópia de Pompeo Batoni, largura um palmo e dois terços, altura dois e terço, moldura doirada e vidro. . 2$400

150 Um quadro pintado em cobre, sobre comprido, representando a Arrebatação de S. Francisco e Anjos; original de Sequeira, moldura entalhada; largura um palmo e um terço, altura dois e um terço . . . 14$400

151 Um dito, dito, em panno, representando o Senhor da Canna Verde; cópia de Guido Reni pela eschola de Pedro Alexandrino, com moldura doirada e vidro; largura palmo e meio, altura dois palmos. . . . 2$400

152 Um quadro pintado em marmore oriental, representando S. Francisco orando no Deserto; largura tres quartos, altura um palmo; moldura doirada e vidro . . . . . 1$600

153 Cinco quadros com molduras e vidros, representando a Veronica do Senhor, — dito, Senhor Jesus dos Passos, S.

Rs. . . 7:125$160

Transporte. . . 7:125$160

Francisco, S. Simão da Rocha, e S. Pedro. . . . . 2$400

154 Tres quadros com o mesmo número bordados, representando S. Francisco, S João e S Francisco de Salles. 4$800

155 Um quadro em miniatura pintado em pergaminho, representando Nossa Senhora com as Virgens, muito ordinario, moldura e vidro . . . 1$000

156 Dois altares de marmore com o mesmo número e uso, é de Italia branco, com quatro columnas e urna de Agatha; ornamentos doirados com miniatura ordinaria, representando um S. Francisco no Deserto, e outro Santa Thereza de Jesus, largura um palmo e dois terços, e altura tres ditos. (Acham-se no palacio do Ramalhão). . . . . 120$000

157 Cinco estampas com o mesmo número, umas com molduras e vidro, representando o Senhor dos Passos, outra sem vidro em parte, maior, do mesmo Senhor, abertas por Bartholozi, outra dita, representando o Salvador reunindo as Almas innocentes; meia figura com moldura doirada e vidro, entalhada ricamente, outra representando a Sacra Familia, com moldura e vidro, meia figura, invenção de Vieira Portuense e gravada por Queiroz. . . . 12$000

158 Uma dita com moldura e vidro, gravada por Pavon, representando a Cêa do Senhor, por Leonardo da Vinci . . . . . 4$800

159 Sete estampas illuminadas, do mesmo número, com molduras e vidros, representando Factos da Historia Sacra . . . . . 8$000

160 Duas ditas do mesmo número, molduras e vidros, illuminadas, uma representando o Salvador, outra Nossa Senhora . . . . . 2$000

161 Uma dita illuminada, com moldura e vidro, representando a Adoração dos Pastores no Prezepio . . . . . 1$000

162 Quatro ditas, dito, illuminadas, uma a Cêa, de Leonardo da Vinci, em ponto pequeno, outra igual do Lava pés, outra representando o Menino Jesus, outra, S. João, e uma com moldura doirada, representando o Senhor Jesus dos Passos. . . . . 4$800

163 Um quadro pintado em taboa, representando Nossa Senhora da Encarnação, moldura doirada em ovado, meia figura, original de Guido Reni; dois palmos e tres quartos, moldura doirada . . . . . 50$000

164 Um dito em meia figura, representando Jesu Christo com a Cruz ás

Rs. . . 7:335$960

Transporte. . . 7:335$960

Costas; original de Luino, largura dois palmos e um quarto, altura dois e tres quartos, moldura doirada. . 200$000

165 Um dito, dito, representando S. Fillippe Apostolo; original de Velasques, largura um palmo e tres quartos, altura dois e um quarto, moldura doirada . . . . . 30$000

166 Um dito em panno, representando um Apostolo; cópia de Annibal Caracci, largura dois palmos e um quarto, altura tres, moldura dita . . . 9$600

167 Um dito, dito, representando S. Pedro, má cópia, e moldura oval doirada, largura dois palmos e meio, altura tres ditos . . . . . 2$400

168 Um dito, dito, em taboa, representando o Esponsalicio de Santa Catharina, e S. Jeronimo; original de Parmiggianino, largura 2 palmos e um quarto, altura dois ditos, moldura doirada . . . . . 100$000

169 Um dito, dito, representando S. Francisco recebendo es Chagas; cópia de Cigoli, largura um palmo e tres quartos, altura dois ditos . . . 2$400

170 Um dito, dito, em panno, representando S. Jeronimo fazendo oração, meia figura; original de Hespanholeto, largura tres palmos, altura quatro e um quarto, moldura doirada. . . . . 14$400

171 Um dito, dito, em panno, representando S. Jeronimo fazendo oração, original de Lanfranco, meia figura colossal, largura quatro palmos e meio, altura cinco e tres quartos, moldura doirada . . . . . 48$000

172 Um dito, dito, representando Nossa Senhora, e o Menino Jesus da Rosa, cópia de Corregio, todo repintado; e em parte descobre-se um colorido diafano e transparente que parece ser de Albano, que quiz copiar o sobredito auctor; largura quatro palmos, altura cinco e tres quartos, moldura doirada . . . . . 14$400

173 Um dito, dito, representando Nossa Senhora e o Menino Jesus, boa cópia de Rosso Florentino, bastante estragado, largura tres palmos e um quarto, altura quatro palmos, moldura doirada . . . . . 24$900

174 Um dito, dito, a oleo, figura oval, representando a Senhora da Soledade; cópia muito má de Carlos Dolce, dois palmos de largura, e dois e tres quartos d'altura, moldura doirada . . . . . 2$400

175 Um dito, dito, pintado em taboa, representando a Sacra Familia, e S. Francisco, da sublime e primeira

Rs. . . 7:788$560

Transporte. . . 7:788$560

maneira de Rafael, largura dois palmos, altura palmo e meio, moldura doirada . . . . . 500$000

176 Um dito, dito, em panno, representando um Rei de Judá admoestado por um Propheta, esboço de Pedro de Cortona, largura um palmo e um quarto, moldura doirada . . 2$400

177 Um dito, dito, a oleo, representando a Sacra Familia, cópia do tempo de Franciabiggio, largura tres palmos e meio, altura cinco ditos, moldura doirada . . . . . 24$000

178 Um dito, dito, representando Jesu Christo com a Canna verde, no Pretorio de Pilatos, appresentado ao povo pelo mesmo, bastantemente arruinado, original de Sebastião del Piombo, largura quatro palmos, altura quatro e meio, moldura doirada . . . . . 60$000

179 Um dito, dito, pintado em panno, representando a Sacra Familia, muito má cópia de Rafael, largura tres palmos e tres quartos, altura cinco, moldura doirada . . . . . 9$600

180 Um dito, dito, pintado em taboa, representando o Calvario, eschóla de Rubens de muito merecimento, largura dois palmos, altura tres ditos, moldura doirada . . . . 60$000

181 Um dito, dito, pintado em taboa, representando Jesu Christo appresentado a Caifaz, por Lucca de Leida, largura um palmo e tres quartos, altura dois ditos, moldura doirada . . . . . 30$000

182 Um quadro em panno, representando o Senhor Jesus dos Passos, meia figura, cópia ordinaria, largura dois palmos, altura dois e meio, moldura doirada . . . . . 1$600

183 Um dito, dito, representando S. Jeronimo no Deserto, cópia de Eschóla Napolitana, largura tres palmos e um quarto, moldura doirada . 1$200

184 Um dito, dito, representando a Magdalena no Deserto, e paisagem, Eschóla Napolitana, largura quatro palmos, altura cinco ditos, moldura doirada . . . . . 12$000

185 Um dito, dito, em panno, representando S. Francisco recebendo as Chagas, esboço de Ticiano, largura dous palmos e tres quartos, altura tres e um quarto, moldura doirada 30$000

186 Um dito, dito, em panno, representando Nossa Senhora da Cadeira, figura redonda, cópia de Rafael, moldura doirada com ornamento . . 48$000

187 Um fragmento de uma Veronica de Jesu Christo, em porfil, relevado

Rs. . . 8:567$360

Transporte. . . 8:567$360

sobre um fundo de marmore de verde antigo, moldura de madeira com seu plinto com circulos de loiros de metal doirado, com relicario no centro . . . . . 48$000

188 Um quadro em alto relevo de marmore, estatuario, parece ser o original de Bernini, representando a Adoração dos Anjos ao Corpo Morto de Jesu Christo, depois do Descimento da Cruz, fórma oval, mettido em uma moldura doirada, quadrilonga com trophéo . . . . 500$000

189 Dois ditos, pintados em panno, representando a Adoração do Menino, original de Pintoriquio, Eschóla de Rafael, tão mal conservado que pouco se observa da sua originalidade, e o outro representando o Povo de Israel recebendo o Maná, Eschóla Romana, o qual se acha tão mal restaurado que lhe roubou o seu valor; largura tres palmos e meio, altura quatro palmos, moldura doirada . 20$000

190 Dois ditos, com o mesmo numero, um representando a Morte de Abel, a tempera, outro Abrahão expellindo de casa Agar, com molduras dito, Eschóla de um pintor romano moderno . . . . . 48$000

191 Um dito, dito, representando o Archanjo S. Miguel, figura collossal, moldura doirada; mediocre, cópia de Guido Reni . . . . . 60$000

193 Dois Meninos de marmore de estatuario . . . . . 60$000

194 Uma estatua de marmore branco estatuario, representando uma Vestal, original antigo, altura tres palmos e tres quartos . . . . . 24$000

195 Um quadro pintado em panno, meia figura, representando S. João, cópia antiga, Eschola de Rafael, largura dois palmos e um quarto, altura tres, moldura doirada . . 1$200

676 Dois paineis da Senhora da Piedade da Mercianna, moldura e vidro . 1$200

677 Um dito de S. José, moldura doirada e vidro, dois palmos e meio de altura $720

678 Um painel de Nossa Senhora, pintado em côr azul, dois palmos e meio de altura, moldura doirada . . $720

679 Tres paineis de Desenho com differentes molduras $600

680 Uma estampa de Annunciação de Nossa Senhora $200

681 Dezeseis estampas de palmo de altura, com molduras pretas e seus vidros 1$600

Rs. . . 9:333$600

Lisboa 20 de dezembro de 1843. *Francisco José Caldas Aulete.*
Solicitador da Caza Real.

ESPARCETO GIGANTE.

376 A agricultura ingleza acaba de fazer a acquisição de uma nova especie de esparceto, ou sanfoin.

Foi o acaso que fez este descobrimento.

Um agricultor inglez vae a casa de um mercador de sementes, e pede-lhe *sementes de esparceto*. Este que só tinha sementes mui velhas, appresenta ao comprador as que tinha, e diz-lhe que levasse elle a porção que quizesse: porém que só lhas pagaria no caso do esparceto produzir. O lavrador leva as sementes, e lança-as á terra.

Uma grande parte dellas não germinou, porém as poucas que cresceram, deram uma planta muito melhor que as ordinarias.

Em tempo proprio reconheceu-se que o esparceto era de outra especie que o commum.

O esparceto gigante cresce muito mais que o commum, o qual, como de todos é conhecido, apenas dá um bom córte na primavera, e outro mediocre no outono: e muitas vezes o esparceto está tão pequeno, que se é obrigado a levar o gado a pastal-o ao campo. O esparceto gigante, pelo contrario, dá tres córtes eguaes todos. Se se deixar crear semente depois do segundo córte, ainda assim elle cresce do mesmo modo no anno seguinte. É no segundo anno sobre tudo que appresenta o maximo da sua producção. Como esta planta toma grande desenvolvimento deve-se semear alguma coisa ralo.

O esparceto gigante dá-se bem nas terras areentas, e pouco profundas, — as suas raizes não penetrando tanto como as da especie commum. As hastes são grossas, porém öccas e sempre tenras, até mesmo quando estão com a semente.

A primeira colheita que se fez desta planta na Inglaterra foi em 1831; desde então até hoje a sua cultura tem-se generalisado entre todos os agricultores inglezes.

* *

CAIXA ECONOMICA DE PARIS.

377 Temos presente a ultima conta d'este importante estabelecimento. Refere-se ao anno findo, durante o qual houve as seguintes operações:

Recebeu em 243,450 entradas, das quaes foram novas 28,953.....	31.690,951 fr.	
» por transferencia de depositos.....	1.219,528 fr.	19 c.
	32.910,479 fr.	19 c.

Capitalizou em 31 de dezembro 3.013,672 fr.

Entregou em 112,616 restituições das quaes foram por saldo 304,118..	41.255,248 fr.	65 c.
» em 1,601 transferencias.....	1.128,870 fr.	10 c.
» pela compra de fr. 222,420 de fundos publicos a pedido de 4,029 depositantes...	5.260,005 fr.	30 c.

Ficou devendo em 31 de dezembro de 1847 a 183,449 depositantes 80.146,351 fr. 85 c.

Comparando este saldo com o que appresenta a conta relativa ao anno de 1846 vê-se, que diminuiu de 8.295,363; mas tirando d'esta somma a diminuição proveniente da execução da lei de 22 de junho de 1845, relativo á compra de fundos publicos, fica reduzida a differença a 3.422,950 fr., o que prova não ter a falta de subsistencias, geralmente sentida em França, causado grande prejuizo nos haveres que a população tinha na Caixa Economica.

Em o numero dos novos depositantes do anno de 1847 se incluem os mil operarios, que receberam a primeira partilha do legado deixado pelo virtuoso Benjamin Delessert, a quem tanto deve a Caixa Economica de Paris.

FREIXO PARA FORRAGEM.

378 Lemos no *Moniteur Industriel*: —

Não será pouco tudo quanto se fizer, para animar as plantações dos freixos, que se criam bem não só nos bons terrenos, como tambem nos maus. As qualidades da madeira do freixo são bem apreciadas quer para dellas se construirem carros, quer para se empregarem como combustivel. Os que habitam as altas montanhas no Departamento do Sena ornam os seus campos de freixos de que sabem tirar todo o proveito. Apenas esta arvore adquiriu certa força, arrancam-lhe os ramos nos fins de Julho, em bom tempo: deixam secar as folhas, tendo cuidado de separar os ramos maiores, já despojados, de que se fazem molhos. As folhas, depois de bem secas, são muito estimadas dos carneiros e ovelhas.

De tres em tres annos se pódem decotar os ramos: isto não obsta a que em todos os annos se possam apanhar as folhas para dar ao gado, do mesmo modo, que se pratica com as amoreiras.

DRAINAGEM.

379 A palavra *Drainagem* foi inventada pelos inglezes para exprimir o estado das terras, quando, com o intuito de as livrar das aguas estagnadas, se cavam fossos ou regueiras para dar escoamento ás mesmas aguas. Atrevemo-nos a empregal-a no mesmo sentido, pois que não existe entre nós palavra (que saibamos) que exprima esta idéa, e seguindo o exemplo de francezes e allemães, que tambem já a adoptaram.

Entre nós esta operação deve-se generalisar o mais que fôr possivel. É sabido de todos, quanto, no verão, são doentias varias partes do nosso territorio, devido isto aos paús e charcos. Assim generalisar a *Drainagem* é fazer um serviço ao paiz.

O modo mais usual de empregar este meio, na Inglaterra, consiste em cavar regos de 3 palmos de profundidade tendo em baixo a largura de palmo e meio a dois palmos, e em cima quatro a cinco. Para os tornar mais consistentes, cobre-se o fundo de pedras, para que as aguas os não profundem muito. O lodo, que se deposita no fundo destes regos, é um bom estrume.

Conviria que as Camaras Municipaes do nosso Riba-Tejo se applicassem com assiduidade a empregar a *Drainagem*. Seria fazer-lhes injuria, tratar de demonstrar as vantagens deste systema.

Ao seu zêlo e amor do paiz offerecemos esta lembrança.

* *

PARTE LITTERARIA.

O PRESO. *

XX.

Minha Margarida!

380 De dentro da sepultura dos vivos, a que chamam cadêa, é que a minha voz profere o teu nome querido. Rasga esse véu, que te esconde a lembrança, ouvindo que te digo — és minha!

Quantas vezes me repetiste, que, para amares o teu Paulo, desejarias vencer a morte!... Pois bem! vê se vences essa loucura fatal, que, para mim, é tão terrivel como a morte! Não te posso fallar. Estou preso; mas sobre estas linhas resvalam as lagrimas como sobre as palavras, que me poderias ouvir. Conhecerás n'ellas, como se fossem em meus olhos, a verdade que encerram.

Margarida! A mão, que te escreve, não está tinta com sangue! Ha um mysterio n'este crime! Não quero que tu o compreendas.

Tomára eu esquecel-o.

Vou ser julgado. Tenho quem me defenda. Talvez haja alguem, que me proteja.

Imagina que tudo isto me alcança a liberdade, e pensa, Margarida, que, se a possibilidade da suspeita houvesse um dia entrado no teu coração... se eu soubesse que, em teus sonhos, appareci, por um instante, manchado com o sangue de Pedro....., accredita que então a forca seria, para mim, uma esperança risonha comparada com essa liberdade! Se o corpo podesse sobreviver a tamanho infortunio, era justo, que o algoz apertasse o laço, que tinha de acabar com a vida engeitada e desconhecida por ti.

A recordação do nosso amor te ensinaria, que fôras injusta; e eu iria gozar na Eternidade o prazer de ganhar pela supplica o perdão da tua suspeita...

Nem sei onde me leva este desespêro, com que a incerteza me está sempre turbando a rasão. Penso em pedir a Deus que te perdoe, quando preciso que não tomes como desconfiança o brado, que dirijo ao teu coração. — Não te admires! Á força de me julgarem criminoso, já parece impossivel que haja quem me considere innocente. Preciso de crer, que foi só o amor que te allucinou a razão, e que me não julgaste criminoso!..... É verdade que o povo, irreflectido sempre nos seus primeiros impulsos, chamava-me assassino..., mas o teu coração me chamava innocente!... Sabias que o nosso amor era a minha ventura!

Lembra-te das confidencias, que te fiz, quando tive a certeza que tambem era amado! Revelei-te como a duvida me tinha feito desgraçado; como eu tentára procurar nos teus olhos, nas tuas mais indifferentes palavras, o segredo, que tão fundo escondias na alma, e que era a minha unica felicidade! ¿¡Como era possivel, que eu estendesse um cadaver, entre mim e o altar, quando Deus ía abençoar a união das nossas almas!?

Antes de te amar, a leitura daquelles livros, que meu padrinho me emprestava, levantaram-me na cabeça certas idéas de ambição, que eram como phantasmas atraz dos quaes corria como louco. Quando elle me aconselhava, que só a Egreja ou a lavoira poderiam conceder-me vida honrada, esses instinctos de ambição pareciam annunciar-me que outro futuro mais brilhante me esperava. Castigo a minha vaidade, confessando-te aqui esta fraqueza. O amor trouxe-me ao caminho da razão, donde me íam desviando esses vagos desejos. Já te eu amava, quando o infortunio de teu pae veio acabar de ensinar-me, que só ha uma ambição santa no mundo, é a de ser feliz no seio da familia, que Deus nos concede.

Respeito os mortos, venéro a memoria de teu pae; mas conheço, que o enthusiasmo, com que se entregou a essas dissenções que promove a politica, se lhe concedeu o cargo honroso de Capitão-Mór, tambem lhe acarretou os desgostos, que o levaram á cova. Devo-lhe uma saudade mui grata, porque, apezar do seu caracter altivo, não se oppoz á nossa união!... Se elle vivesse, não te arrastavam para esse carcere, em que te encerram!

A nossa infelicidade torna-se menor, quando se pensa na triste sorte dos que presamos! Quando considéro que já não tens pae nem mãe, desejaria trocar o teu desamparo pela minha situação, que então me parece mais feliz, porque uma alma caridosa está sempre velando ao meu lado. Os ferros desta cadêa roubam-te os meus cuidados, e a paz, que eu talvez podesse restituir á tua alma!

São mysteriosos, mas bem justos os designios da Providencia. Só elles compensam os soffrimentos desse padecimento legado, com a morte, de familia em familia.

O altar levanta-se para ligar dois entes, que se não amam pelas intimas relações de sangue,

* Vem do n.º 21.

para que no amor, que a Egreja abençoa, o coração encontre a continuação desse affecto, com que foi creado, e que a lei suprema vae encerrando nas sepulturas dos que o haviam creado desde a infancia!

A paixão, que me inspiraste, foi como uma revelação do céu, que me fez pensar em tudo isto, e que para sempre apagou, na minha alma, os vestigios dessa ambição criminosa, que se transformaram no dezejo de consagrar a minha vida inteira á tua... á nossa felicidade!

A desgraça veio separar-nos com um cadaver! Deus nos ha-de ainda unir! Não percas a fé... tem esperança!.. conserva a minha lembrança no teu coração tão pura, como sempre ahi a guardaste, e oxalá que estas linhas, que, nem sequer podem conter a sombra do que eu dezejava dizer-te, me tragam na resposta a esperança da ventura, que, de dia e de noite, está sempre pedindo a Deus o

Teu Paulo.

(Continúa.)

RECREIOS DO CORAÇÃO.

XVII.

A UMA MENINA DE NOVE ANNOS.

381 Eu não sou d'esses bardos contentes,
Que arrebatam com hymnos d'amor;
Os meus versos são sempre innocentes,
Inspirados por santo fervor.

Já não vibram as cordas da lyra,
Que intoavam de amor a canção;
A amizade só hoje me inspira,
A amizade, a mais pura affeição.

Quando vejo o teu pae carinhoso,
Que te encara com meigo prazer;
Folgo eu no meu peito saudoso
D'invejar-lhe tam doce viver.

Se dos filhos pungente saudade
A minha alma vem logo acordar,
Acompanha-me leal amizade,
Que compensa da auzencia o penar.

Se me falta a suave ternura
D'esses anjos, que longe deixei;
Gózo aqui a innocente candura
De outro anjo tão lindo, que achei.

Possas tu, minha bella menina,
Longos annos no mundo sorrir!
Seja a sorte, que o céu te destina,
De venturas seguido porvir!

J. M.

REVISTA POPULAR.

382 Este semanario de Instrucção e Recreio conta já oito numeros e apenas hoje podémos cumprir o dever de saudar o apparecimento de tam interessante jornal. A demora não prejudica a consideração, que temos por todos quantos se alistam nesta santa cruzada em que o jornalismo litterario está empenhado a favor da prosperidade e da gloria da patria. O dia, em que se publica um novo jornal, é para nós um dia de verdadeiro jubilo. Ser portuguez no pensamento e na linguagem, eis quanto basta para que a Revista folgue com a sua duração e para que a promova por quantos modos possa. A *Revista Popular* agrada-nos por ambos os motivos, tanto basta para que a recommendemos, não banalmente e com essas phrases pomposas que envergonham a imprensa revelando o communicado de um artigo sem esse titulo, mas com a convicção intima que temos, de que a sua duração acredita o nosso paiz, mormente sendo ao presente o unico jornal que representa os progressos da nossa gravura em madeira, por meio dos primorosos trabalhos do Sr. Coelho, que neste genero não tem entre nós rival, que ao lado das illustrações do *Ruy* e do *Jornal das Bellas Artes* possa pôr qualquer outra composição.

O pensamento do jornal pende para os amenos e ferteis campos da historia; a sua linguagem é sempre fluente e tendo esmero na escolha dos romances, que parece querer publicar, será de muita honra para os estudiosos, que o redigem.

Acceite a *Revista Popular* estas linhas, como prova da união e estima, que deve ligar o nosso jornalismo litterario, e creia que não deixaremos perder occasião de lhe provar as nossas sympathias, tão espontanea e lealmente como ora o fazemos.

UM DRAMA DO SR. PERINI.

383 Consta-nos que o Sr. Rolland vae publicar a Vespera de um Desafio, drama em 5 actos pelo Sr. Cezar Perini de Luca. Este drama foi premiado no Conservatorio Real da Arte Dramatica, no concurso das peças para a abertura do Theatro de D. Maria II.

Não sabemos porque se não tem representado.

O Sr. Perini é muito conhecido pelo louvavel zelo com que se dedicou ao estudo da nossa litteratura sendo um estrangeiro. Ao partir para a sua patria, quer deixar, em algumas producções escriptas em a nossa linguagem, uma recordação da hospitalidade e destincção com que foi tractado pelos que o conheceram. Louvamos o seu pensamento e dezejamos que, ao cabo do longo exilio que o tem separado da patria, goze as vantagens que a Italia ao presente pode ministrar ao seu merito.

NOTICIAS.

ACTOS OFFICIAES.

12 DE ABRIL A 3 DE MAIO.

Diario n.º 88.

384 Instrucções para o lançamento e arrecadação da Decima e Impostos annexos do anno economico de 1847 a 1848, a que se refere o Decreto de 7 de abril.

Dito n.º 91.

O total dos Bilhetes, creados por decreto de 30 de outubro de 1847, arrecadados desde 20 de novembro até 8 de abril, em varios cofres, importou em 264:757$200 réis.

Dito n.º 93.

Decreto de 12 de abril de 1848, mandando abrir, por espaço de 15 dias, o pagamento de decima e impostos annexos do 1.º semestre de 1847 a 1848.

Aos contribuintes que, dentro do prazo marcado, pagarem á bocca do cofre, será acceito o pagamento ametade em metal e outra ametade em notas pelo seu valor nomital.

Instrucções para o cumprimento do Decreto de 12 de abril de 1848.

Dito n.º 101.

Lei fixando a força de mar e terra para o anno economico de 1848 a 1849.

Dito n.º 103.

Carta de Lei auctorisando a Camara de Caminha a applicar o imposto de dez réis em cada alqueire de sal, importado pela barra do rio Minho, ao reparo e compostura do caes hoje existente, e construcção de um novo em seguimento do actual.

Outra concedendo um annel de agua, para o serviço do hospital da ordem Terceira de S. Domingos da Villa de Guimarães: — e confirmando á misericordia da mesma villa a concessão da egreja do extincto convento de Santo Antonio.

INAUGURAÇÃO DO RETRATO DE S. M. A RAINHA NA CAMARA MUNICIPAL DE LISBOA.

385 No dia 29 do mez findo, a Camara Municipal de Lisboa, em sessão plena presidida pelo Sr. Gonçalo José Vaz de Carvalho, inaugurou na salla das suas sessões o retrato de S. M. a Rainha. A solemnidade foi feita com respeito e decencia, mas sem pompa, e até nos consta que a recommendação, de que este acto se fizesse sem nenhuma despeza para o Municipio, fôra feita por S. M. ao Presidente da Camara, que tinha ido receber as suas Régias determinações. O retrato é de corpo inteiro, tamanho quasi natural. S. M. está representada em pé, vestida de setim branco, com uma corôa de brilhantes ornando-lhe os cabellos; e sobre uma banca coberta de velludo carmezim está a Carta Constitucional, com o sceptro em cima. O quadro, tanto pela similhança, como pelo desenho e colorido, é das melhores obras do Sr. Fonceca. Está guarnecido por uma elegante e primorosa moldura devida ao bem conhecido gosto do Sr. Margoteau.

THEATRO DO SR. CONDE DO FARROBO NAS LARANJEIRAS.

386 Nós que tanto folgámos com as primorosas representações da illustre Sociedade Thalia, não podemos deixar de noticiar, com muita satisfação, o começo das representações do Theatro do Sr. Conde do Farrobo, que é, como essa Sociedade, uma especie de templo onde, sem profanação, se admira o culto da Arte Dramatica, sem quebra de nenhum dos preceitos que tanto a ennobrecem. O impulso que o Sr. Conde dá, por este modo, aos progressos de tão difficil e insigne Arte, merece o maior louvor. Já este anno houve duas representações. Consta-nos, que foram excellentes, como sempre, e brilhantemente concorridas. S. M. a Rainha honrou a primeira com a sua Real Presença. Por emquanto parece que continuam todos os domingos.

COMMUNICAÇÕES ENTRE O CHILI E A EUROPA.

Lemos em um jornal inglez: —

387 O governo da republica do Chili, na America meridional, publicou quatro decretos com fim de pôr os seus portos em communicação regular com os da Europa, cuja execução é de interesse para o commercio do antigo mundo. Em consequencia da longa viagem para o Chili pelo cabo *Horn*, tentou se estabelecer uma carreira de vapôres pelo estreito de Magalhães; este projecto tendo sido abandonado, o governo d'aquella republica, querendo chegar ao mesmo fim, recorreu ás communicações por terra. Abriu relações com o governo de Buenos-Ayres para estabelecer, pelas *Cordilheiras*, passagem para a confederação argentina. Foi por esta occasião que se publicaram os quatro decretos seguintes: —

O primeiro auctorisa o governo executivo a derogar a lei, que prohibe a exportação e a importação, pelas *Cordilheiras*, das producções do terreno e das manufacturas nacionaes e estrangeiras.

O segundo declara o commercio do Chili com a confederação argentina aberto pela fronteira de terra. Esta declaração se applica aos productos estrangeiros, que poderiam ser enviados das provincias argentinas para o Chili, depois de haverem pago os competentes direitos.

O terceiro decreto, que organiza o serviço postal entre os dois paizes, estipula que, desde o 1.º de dezembro de 1847, expedir-se-hão dois correios todos os mezes para as provincias argentinas. Estes correios deverão partir de *Santiago* a 1 e a 15 de cada mez.

Finalmente o quarto decreto refere-se ás diversas providencias, que ha a tomar, para se pôr em pratica aquelle tractado.

A CAMARA DOS PARES E OS QUADROS DA BEMPOSTA.

388 Constou-nos com a maior satisfação, que o Exm.º Sr. Duque de Saldanha, Ministro do Reino, respondêra á pergunta, que na Camara dos Pares lhe fôra feita, ácerca da venda dos quadros, pertencentes á herança de S. M. a Sr.ª D. Carlota Joaquina, assegurando que, sendo de merecimento, não sahirão do paiz; — e que passava a informar-se competentemente.

Ora depois do que a este respeito se tem escripto e depois das representações que a Academia das Bellas Artes tem dirigido a S. M., para ser dotada com essa collecção, parece provada a conveniencia da compra, e por esse motivo folgâmos com o promettimento do illustre Duque. Lembramos, que o tempo urge; mas apesar disso, ainda insistimos em a nomeação de uma commissão que activa e zelosamente se encarregasse de remover quaesquer obstaculos, que possam

apparecer, por falta de discussão e de alvitres apropriados.

Para nós é incontestavel, que a apesar dos quadros não serem de primeira ordem, para o pouco que em tal genero possuimos, e para o preço por que os vendem, essa compra será não só uma honra para o paiz, mas um acto memoravel do Ministro, que illustrar a sua administração com uma prova cabal de que se interessa pela gloria da sua patria.

Estimamos que a imprensa secundasse o nosso brado e esperâmos que nos continue a auxiliar em tão justo empenho.

THEATRO DE S. CARLOS.

389 O anno theatral vae acabando tam insipido como principiou. Os apregoadores do incançavel zelo da Empreza, dos seus esforços, nunca vistos e tantas vezes repetidos, já nem sequer nos alegram com o ledo engano dessa *prima donna* que havia de fazer descançar a invalida garganta da Sr.ª Bovay. — Paciencia! — Nem a illusão nos resta. — Se não fossem as representações do Sr. J. Lees e de seus jovens filhos ninguem fallaria no Theatro de S. Carlos. Este professor de Gymnastica com os seus discipulos faz prodigios. Não sympathisamos com o divertimento, nem nos parece proprio para tal theatro; mas confessamos que surprehende.

Houve estes dias uma Dança nova, chamada a Nympha Napêa. Ainda ninguem viu o folheto, ou argumento de similhante Dança; o que não admira porque a economia, como claramente se vê, é o forte da empreza.

A Dança é uma fraca composição do Sr. Vianna, o qual é tam mediocre compositor como insigne dançarino. Nem todos são para tudo. A vista nova, para uma dança, era severa de mais e pouco appparatosa.

Se não estivesse annunciada nos cartazes não se daria por tal.

O vestuario pareceu-nos todo mesquinho, á excepção do que adornava o Sr. Vianna, e se compunha de um saiote branco guarnecido com uma grinalda de parras que lhe enlaçava o corpo. ¿Porque se não vestiria tambem assim a Sr.ª Bussola? A graça do seu talhe, a firmeza e o chiste dos passos que executa, não perdiam, se a interessante dançarina variasse o vestuario simples com que se appresentou, já usado em outras noites. Só vimos uma novidade: o corpo de baile vinha todo de grã-cruzes. De quem seria a lembrança? Por hoje deixemos em paz o pobre Theatro de S. Carlos, gozando no maior descanço o seu avantajado subsidio. Bem o merece!

BAZAR A BENEFICIO DAS CAZAS DE ASYLO DE PRIMEIRA INFANCIA DESVALIDA.

390 O interesse que tomamos por todos os actos de beneficencia, nos leva a publicar com anciosa satisfação o seguinte annuncio:

—

Quinta, Sexta feira e Sabbado 4, 5 e 6 do corrente mez de Maio estará aberto no Palacio do Exm.º Sr. Marquez de Pombal á Rua Formosa n.º 180, o dito bazar a beneficio das mesmas casas d'Asylo. — Na Quinta e Sexta feira desde o meio dia, e no sabbado desde as 8 horas da tarde em diante. Preço da entrada nos dois primeiros dias a 240 e no ultimo a 480 réis.

GLORIA PARA A ADVOCACIA PORTUGUEZA.

391 No dia 2 do corrente, presenciámos no Tribunal do 2.º Juizo Criminal o julgamento de um processo importante, não só por se referir a um crime de morte, como pelo talento e habilidade, com que o Sr. Carlos Zeferino Pinto Coelho fez a defensa do réo.

Era opinião geral, que ha muito tempo se não ouvira naquelle edificio uma defensa, que revelasse tanto saber e pericia.

É uma gloria para a advocacia portuguez, vêr que um dos seus noveis ornamentos presta ao infeliz desvalido o poderoso auxilio das suas palavras eloquentes e persuasivas.

O Sr. Pinto Coelho é um advogado ainda novo: e já são avultadas as provas que existem do seu muito merecimento.

As suas estreias na Associação dos Advogados, e todos os trabalhos subsequentes, com que tem honrado tam conspicua corporação, attestam de sobra, que o fôro lhe destina um futuro brilhante.

A defensa que lhe ouvimos bastava para formar a reputação de um advogado.

O Sr. Pinto Coelho alcançou um triumpho completo, não só pela decisão do jury, como pelas lagrimas que fez derramar a todos que o ouviram, pelos brios que despertou, e pela maneira como repeliu a acusação do ministerio publico, bem como todas as palavras do juiz, que podiam prejudicar a sorte do réo que defendia.

A justiça não perderia, se a imprensa tractasse de analisar o modo como os processos se julgam, e até, a proposito do caso em questão e de outros, se poderiam fazer algumas considerações judiciosas: mas temos motivos para ao presente só nos limitarmos a dar um testimunho publico, ao talento, ao saber e á humanidade do Sr. Pinto Coelho. As provas de que só por algum tempo deixaremos esse ponto intacto, hão de aparecer como outras do mesmo genero, que já temos publicado. As considerações em geral perdem o caracter apaixonado, que muitos lhe vêem quando se applicam a um certo e determinado caso.

O processo, de que estamos dando noticia, era de um prezo de quem já fallamos em o nosso artigo. — Uma vizita a Cadêa. — Tendo sempre sido mui bem comportado e socegado, aconteceu-lhe a desgraça de sem intenção, e por um desses repentes, de que Deus livre a todos, matar um homem na occasião em que se defendia da agressão que este sem motivo lhe fizera. Toda a cidade soube deste cazo, pois foi bem publico, que um rapaz menor de 22 annos e bolieiro, indo com um cãozito dos chamados de agua, foi espancado por um homem de máus precedentes, segundo a voz publica, o qual depois de ter dado no cão se arremeçou sôbre o dono, que defendendo-se com uma navalha de que os da sua profissão precizam andar munidos, teve a infelicidade de, sem o saber, vêr cahir morto aos pés o homem sôbre quem corria para o fazer prender.

Foram muitas as testimunhas em abono do accusado e tantas que logo no principio da Audiencia o seu número admirou ao juiz; mas ainda além destas havia

uma mais valiosa do que todas, era a mãe do infeliz, que vive á beira do abysmo da miseria, e que ahi vinha de mãos erguidas attestar pela dôr, pelas diligencias que fizera, que a vida, que ella pedia á justiça, não era só a vida de um filho, mas a vida do amparo da sua velhice e do que fôra sempre o seu arrimo nos dias da sua desgraça. Não havia mais incontestavel prova em favor do accusado. É impossivel que a intenção de um crime tão horrivel, como o assassinio, podesse entrar na alma do que sabia ser bom filho. O delegado do Ministerio Publico cumpriu os deveres do seu cargo nobremente.

Foi accusador, porque a sua posição o obrigava a isso; mas não se mostrou impregnado dessa prevenção fatal contra os accusados, que tanto deslustra a justiça, apresentando-a mais como uma vingança mesquinha, ou como fructo de odio não motivado, do que como uma força conservadora das sociedades.

Quando o advogado se levantou todos o examinaram com interesse. No banco dos réos estava um pobre, e aquelle homem que se erguia para o defender, não vinha alli, como outros defensores, obrigados pela justiça, vinha de espontanea e livre vontade, porque a mãe do sem ventura lhe pedira o seu valimento, e por que, sem nem sequer a conhecer, elle que é tão bom filho, comprehendeu que a afflicção dessa mulher merecia todas as suas sympathias. Começou analisando o depoimento das testimunhas em comparação do facto, e moralisando as comparações que fazia.

Logo neste exordio, que de per si parece fastidioso, soube prender a attenção do auditorio, pela clareza da exposição, e pelo rigor logico que pasmosamente souhe sustentar desde a primeira proposição ate á ultima.

O seu rosto pallido e sympathico foi se animando, e ao passo que chegava aos pontos mais importantes da defensa, via-se evidentemente que o seu discurso não era uma serie de frios raciocinios, revestida pelas pompas de uma eloquencia estudada; mas que tinha o caracter de um improviso feliz, em que as inspirações do seu coração bemfazejo justificavam a defensa do accusado, que o seu juizo claro tão bem deduzia dos autos do processo. A sua voz harmoniosa, não se enfraqueceu um instante no espaço de hora e meia que durou a defensa, mas tambem nunca se exaggerou. Foi sempre distincta e adequada aos periodos da oração, e só interrompida quando as lagrimas que se divisavam nos olhos dos ouvintes e os soluços do accusado, o obrigavam a provar, com uma pausa, que as suas palavras eram a verdadeira expressão do que sentia. Foram muitos e novos os pontos que tratou, mas sobre um de interesse geral não podemos deixar de nos deter.

O Sr. Pinto Coelho provou que o libello, base da accusação e da defensa, estava indevidamente concebido.

O Sr. Juiz e o Delegado do Ministerio Publico concordaram em uma observação, que ouvimos com pesar, pois que é mister que haja o maior cuidado na redacção dos documentos, de que depende muitas vezes a vida do homem e a fortuna de uma familia inteira.

O Sr. Pinto Coelho não deu provas da sua habilidade sómente no discurso da defensa, mas tambem na réplica que depois fez, e na maneira digna e nobre com que sustentou a sua elevada posição de defensor de um pobre; discutindo com o maior acerto, e escorado por solidas rasões de direito, a redacção dos quesitos que foi essencialmente alterada em virtude das suas acertadas reclamações. O jury, composto de pessoas mui illustradas, não dando como provado, por unanimidade, o primeiro quesito proposto, mostrou solemnemente que o Sr. Pinto Coelho tinha alcançado o seu fim, quando demonstrou que o acontecimento estava despido de todas as circumstancias de criminalidade.

O juiz, o Sr. Amaral, não se conformou com esta decisão e annulou a discussão. Em virtude desta decisão, o processo vae começar de novo, mas a sua memoria já ahi fica na celebre defensa, que do proprio juiz recebeu muitas provas de que admirava o novo talento e o proceder do destincto advogado, que assim illustra um nome já honrado ha muito pelo fôro portuguez.

O infeliz lá voltou outra vez para a cadêa, levando n'alma a incerteza da sua sorte depois de ter visto uma esperança de salvação na opinião do jury; e a mãe viu trocar a leda alegria de alguns momentos pela sua antiga dôr, causada pela duvida, em que ainda ficou ácerca do futuro de seu filho.

PROCISSÃO DE VOTO.

392 Esta procissão, que é a recordação de uma promessa, feita por causa da peste, pelos nossos antepassados, celebrou-se este anno, com muita pompa e devoção. Foi uma festa popular, em que ainda se provou que existe fé nos descendentes desses heróes, que levaram a Religião da Cruz aos mais remotos climas. Concorreram muitas pessoas de distincção.

ARTES E OFFICIOS.

393 No Instituto de França vae crear-se mais uma classe denominada, a classe das artes e officios, a qual ficará dependente da Academia das Sciencias Moraes e Politicas.

PRAÇA DE LISBOA

3 DE MAIO.

394 Fundos publicos de 5 por cento 47 e 48 por cento: de 4 por cento 41 a 42. Acções do Banco de Portugal 385$ a 340$. Acções sobre o Fundo de amortização 52 a 54. Os mais papeis de credito sustentam os preços cotados em o n.° antecedente, exceptuando os escriptos admissiveis na 5.ª parte dos direitos que subiram a 81 e os da 4.ª a 90. Desconto de notas 53 por cento.

ERRATAS.

No número anterior, no artigo sôbre os quadros da Bemposta, pag 242, onde se lê — *provavelmente* — lêa se — *parcialmente* — e no ultimo artigo sôbre o drama, o Filho do Diabo, onde se lê — *enthusiasmos* — lêa-se — *emittiremos* — e onde se lê — *nossa* — lêa-se — *nova*.